

Vilem Flusser

Sobre a ponte de Avignon.

A ponte ruiu, diz a tradiçao, porque tanto sobre ela dançavam. A tradiçao é maldosa: a cidade dos sumos pontifices, (construtores de pontes), se caracteriza por uma ponte que não sustenta dança. Mas a maldade da tradiçao é mascarada pela ingenua alegria da cançao que a comunica. É como se a cançao quisesse dizer o seguinte: outrora, na Idade Media, papas faziam pontes e dançarinos as contestavam; agora resta de tudo isto apenas uma atracçao turistica e uma cançao do folclore. Pois é isto a ingenuidade. O conflito entre papas e dançarinos não é coisa do passado, mas pelo contrario um ótimo modelo da atualidade. É ótimo não apenas porque opoe papas a dançarinos, mas também porque os proprios papas dançam, porque são anti-papas, e porque os dançarinos não são contestadores profissionais como o são os jograis ou ciganos, mas são os cidadãos da papal cidade. De modo que a cançao não comunica apenas o passado, mas é um grito de alarma e de terror que preve um futuro de catastrophe e ruina. E deve, a rigor, ser assim cantada: "Sobre a ponte de Avignon, lá se dança!, lá se dança!!" O proposito do presente artigo é dar ouvido a esse brado angustiado.

Que a ponte de Avignon seja tomada como modelo da nossa cultura, e que a propria Avignon sirva de ponto de partida para a applicaçao do modelo. A cidade é dominada pelo colossal castelo dos papas. Quem conhece Konrad Lorenz não pode deixar de notar a semelhança entre a estrutura do castelo e a posicao de um ganso que finje, com as asas extensas, ataque perante um inimigo mais forte. E que os papas de Avignon são anti-gansos, e não podem permitir-se a largura dos autenticos gansos de Roma. A falta da larga liberdade é compensada, como sempre, pela colossalidade. Pois dentro desse monumento a pose um outro poseur genial se expoe aos dançarinos, semi-dançarinos, e aos proletarios aburguesados de Darmstadt e Topeka: Picasso. Nas paredes das salas monumentais do medio evo a avalanche ultra-pornografica, ultra-comica e ultra-ultrajosa que representa o trabalho do incrível anciao ao longo do ano 69. Alias transformada imediatamente pelos proletarios aburguesados e suas instituicoes museais em dolares para Picasso. Pagam a ofensa que lhes é lancada na cara em moeda dura. Na praça principal da cidadezinha interiorana que é Avignon está montado um palanque, porque vai haver uma contenda entre cantores de bairros, em continuaçao a uma tradiçao estabelecida nos proximos "Baux de Provence", nos quais falarei um pouco mais tarde. A praça medieval está cercada de cafes e restaurantes, nos quais são amontoadas as iguarias mais refinadas e são derramadas as bebidas mais nobres a preços ao alcance de todos. Burgueses e burguesas solidos, os alicerces da Republica, circulam pela praça afim de digerir a sua refeição honestamente merecida, como sempre o fizeram desde 1848, apenas

agora acompanhados de cachorrinhos que combinam em cores e formas com os sapatos e as bolsas das suas donas. E fazem de conta que não vem, (ou realmente não vem), a grande maioria do povo aglomerado em praça: os contestantes. Difícil a tarefa de tal cegueira, porque por entre os contestantes deve haver os próprios filhos desses mesmos burgueses. O espetáculo que oferecem a quem vem do Brasil arcaicamente bem comportado e fascinante. Fascina não apenas pela exibição gratuita e desinteressada de todos os tipos de sexualidade imaginados ao até então não imaginados por ele, e pela variedade promíscua dos trajes masculinos e femininos, (mais masculinos que femininos, aí do Lorenz novamente), mas mais ainda pela sua indolência gentil e pacata. Não perturbando o trânsito na ponte e que a contestam, e ela vai ruir, aí de nós, justamente por causa disto, já que foi construída para eles. Ela foi construída, a ponte, afim de transportar digamos valores, mas eles dançam sobre ela, dançam! Quão longe estão os tempos nos quais uma outra geração contestante, muito menos radical que esta, escreveu sobre o portal da catedral ~~na~~ papal estas palavras: liberte, egalite, fraternite, palavras que a nós, os antigos, ainda emocionam, (porque não confessa-lo), mas que soam ridiculamente quadradas aos ouvidos destes dançarinos.

Não longe daqui elevam-se as ruínas dos Baux de Provence, aquele ninho de aguias e corujas a dominar a planície da clássica Glanum de um lado, da clássica e medieval Arles do outro. De Glanum pouco resta, a não ser alguns templos dedicados a divindades celtas latinizadas, (quais deuses africanos catolicizados pela macumba), um arco de triunfo ao divino Júlio, (a quem é tão impossível escapar na Europa quanto a Carlos Magno), e um monumento construído pelo igualmente divino Augusto em memória aos seus netos Caio e Lucio, mortos no campo da honra. Embora possivelmente "dulce et decorum est pro Patria morri", tal morte pode em certos casos como este atrapalhar os planos dos próprios imperadores, já que um dos dois netos estava predestinado a assumir o governo. Arles, como se sabe, tem destino diverso, na sua arena tocam Bach e sua juventude contesta, (isto, entre outras coisas). Tivessem os arlesianos morridos pela pátria quanto os glanenses, e não haveria motivo para contestação agora. Dulce et decorum est pro Patria morri. Mas é dos Baux de Provence que se trata. Uma estirpe merovíngia, (ou carolíngia?), constrói uma cidadela inexpugnável nos picos da montanha para garantir a sua liberdade nietzscheana a custa da servidão dos camponeses eternos da terra eterna. Efêmera liberdade, embora tenha resultado ao longo dos séculos que durava entre outras coisas em centro da literatura provençal e em lugar de contendas entre trovadores. Dizem que um dos Baux forçou a sua graciosa senhora de comer o coração de um dos trovadores, (provavelmente preparado a provençal), já que a suspeitava de ter mantido relações extra-poéticas com este. E um outro Baux, e sua senhora graciosa Grace Kelly, mandou ordens e dinheiro de Mônaco para reconstruir a maravilhosa igreja em ruínas. Tempora mutantur et nos mutamur in illis, como que para confirmar as teses dos contestadores.

Pois nos Baux de Provence existe, atualmente, uma corporacao (no sentido medieval do termo) que engloba artesoes e artistas que para ca fugiram da beira esquerda parisiense. Pintores e escultores, teceloes e ferreiros habitam agora as ruinas medievais em co-existencia pacifica com casas de cambio, escritorios de informacao turistica e hotéis luxuosos. Os turistas podem comprar os produtos dessa vanguarda da cultura, (para a qual as contestacoes parisienses nao sao suficientemente autenticas), diretamente na fonte.

Eis como a regio de Avignon se apresenta para quem toma a sua ponte ruidosa por modelo. O coracao da bela Provenca, uma das docuras da doce Franca, mas um coracao invertido contra si mesmo, e uma docura que deixa um gosto amargo na boca. Serao loucos os provencais, os franceses, os europeus? Sera que nao sabem que vivem no paraíso? Num paraíso da natureza e da cultura, da riqueza e da liberdade, da igualdade social e de oportunidades sem igual ao longo da historia da humanidade? Nao sao loucos e sabem disto. Tanto na Franca como na Italia, tanto na Suica quanto na Alemanha, (e ate certo ponto e por reflexo ate em Portugal e na Espanha), o saber da vida privilegiada penetra todas as camadas sociais e marca todas acoes e todos pensamentos. Nao apenas porque sorvem o privilegio a todo passo. Mas tambem porque o resto do mundo fornece diariamente contrapontos: a brutalidade violenta da vida norte-americana, a cháteza espartana da vida socialista, o sofrimento impotente da vida no chamado "terceiro mundo". E, curiosamente, a ilha europeia nao se sente ameaçada por nenhuma das ondas do oceano revoltoso que a cerca. Ja que sabem de tudo isto, porque, repito, dançam sobre a ponte?

Obviamente conheço algumas entre as respostas que nos sao fornecidas para explicar o fenomeno da contestacao, respostas genericas que procuram explicar o fenomeno como tal, e respostas especificas que procuram explicar o fenomeno em Schwabing. Respostas politicas que explicam a contestacao como recusa a um privilegio imerecido. Respostas sociais que a explicam como protesto contra o aburguesamento. Respostas psicologicas que a explicam como fuga de um mundo sem desafio e como busca de um novo tipo de amor e de aventura. Respostas existenciais que a explicam como revolta contra a tecnica e tecnologia coisificantes. E ha uma variedade de outras. Mas para quem como eu observa o fenomeno de raro em raro, e para quem o vem a partir de uma perspectiva "subdesenvolvida" todas essas respostas parecem artificiais e nao parecem ferir o nucleo do problema. E uma outra explicacao se impoe, esta biologizante. E esta: a contestacao e um fenomeno da senilidade da sociedade. Sei que o juizo e duro, e que teria dificuldades em sustenta-lo. Sociedades nao sao organismos e nao morrem necessariamente. Ha uma forca de criacao na sociedade europeia, sem igual nas demais, e que desmente a sua senilidade. Se a Europa se unir, (como parece que acontecerá), voltara a ser a potencia mais importante no mundo. Sei de tudo isto e de outros argumentos que desmentem meu juizo. No entanto, a impressao da

senilidade não é resultado de uma reflexão intelectual, mas de uma vivência imediata. Que seja registrada, antes de ser perventura refutada.

Diz uma velha piada que três são os elementos da felicidade: vontade, dinheiro e tempo. A mocidade teria vontade e tempo, a idade madura vontade e dinheiro, e a velhice dinheiro e tempo. A felicidade seria inalcançável. De um ponto de vista externo nada falta a sociedade europeia para ser feliz e não ser a vontade de se-lo. Mas a piada pode ser ligeiramente schopenhauerianizada, a vontade e sofrimento, e a falta da vontade e a felicidade. Nesta variante da piada a Europa nos forneceria, a nós do terceiro mundo, o espetáculo da felicidade, e a contestação poderia ser explicada como sintoma da felicidade. No entanto, se aceitarmos a variante, devemos lembrar nos de como Nietzsche descreve a felicidade: o único homem feliz é o cadáver. Talvez a felicidade não seja, afinal das contas, uma meta a ser perseguida? E esta a pergunta que deveria perturbar, a meu ver, os contestantes.

De toda forma, uma visão da cena europeia parece querer confirmar o seguinte: pode bem ser que Marx e Nietzsche são duas expressões diferentes de uma mesma mentalidade. Mas se assim for, quem vingou na Europa não é tanto Marx quanto Nietzsche. Apenas não o Nietzsche vulgar, brutal e cretinizado dos vários fascismos da primeira metade do século, senão um Nietzsche mais vivido e mais fundamental, uma esquerda nietzscheana, se preferem. Que podemos, nós os subdesenvolvidos, aprender desse fato angustiante? Talvez nada, talvez muito. A pergunta está lançada.